



DO LITERÁRIO AO FILOSÓFICO: POR UMA POSSÍVEL LEITURA DE VOLTAIRE

Dalva Aparecida Garcia¹

Resumo

O desenvolvimento da razão instrumental e o uso da técnica transformaram o perfil do homem, da natureza e das suas relações com a arte e a cultura. Promover a análise do estatuto epistemológico do chamado processo de emancipação da racionalidade e a reflexão desse processo implica repensar as intrínsecas relações entre literatura, filosofia e interpretação e, conseqüentemente, as relações entre ética, política e liberdade. Nesse sentido, o artigo visa percorrer os labirintos da concepção de modernidade, em seu universo de luzes e sombras, recorrendo-se à análise de alguns contos de Voltaire com o objetivo de explorar o universo conceitual que coloca a razão diante do espelho da modernidade e resgatar a escrita literária como forma de escapar das amarras dos sistemas filosóficos fechados e dogmáticos. A hipótese fundamental do texto é que a aproximação entre filosofia e literatura permite encontrar rastros para a reflexão da filosofia e de seu ensino.

Palavras-chave: Voltaire, literatura, racionalidade, ensino de filosofia

FROM LITERATURE TO PHILOSOPHY: FOR A POSSIBLE INTERPRETATION OF VOLTAIRE

Abstract

The development of instrumental reason and techne has promoted deep changes in mankind and their relation with nature, arts and culture. The analysis of the so called process of emancipation of rationality and its epistemological status implies rethinking the intrinsic relations between literature, philosophy and interpretation and, consequently, the correspondent relations between ethics, politics and liberty. Such are the guidelines of this text, which intends to go through the labyrinths of the conception of modernity in its universe of lights and shadows. In this sense, we think the study of Voltaire's short stories allows us to explore the conceptual universe that puts reason before the mirror of modernity and, at the same time, to restore the place of literary writing as a way to escape from the chains of self-contained, dogmatic philosophical systems. Our fundamental hypothesis is that connecting philosophy and literature brings out new paths for reflection on philosophy and its teaching.

Key-words: Voltaire, literature, rationality, philosophy teaching.

¹ Professora do Departamento de Filosofia da PUC-SP, Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes - São Paulo – SP, CEP: 05014-901. E-mail: dalva_garcia@terra.com.br



“O que se vê só é visto sob a forma de um signo desmesurado que designa, mascarando-o, o vazio sobre o qual o lançamos. A máscara é oca e mascara esse oco. Tal é a situação frágil e privilegiada da linguagem: A palavra adquire seu volume ambíguo no interstício da máscara, denunciando o duplo irrisório e ritual de cara de papelão e a negra presença de uma face inacessível. Seu lugar é esse intransponível vazio – espaço flutuante, ausência de solo, mar incrédulo onde, entre o ser oculto e a aparência desarmada, a morte surge. Mas onde, aliás, dizer tem todo o poder de dar a ver.”

Michel Foucault

À primeira vista, retomar algumas poucas referências sobre o polêmico filósofo iluminista pode parecer um empreendimento sem sentido, todavia o objetivo deste trabalho se restringe à indagação sobre os espaços vazios que nos aponta a ficção voltairiana para reinterpretá-la à luz do problema que pretendo rastrear, a saber: a finalidade da filosofia em seus limites e aproximações com a literatura e seu compromisso com a ação política.

Ao lermos os contos filosóficos de Voltaire estamos sempre envoltos pela sensação grotesca do absurdo. Se Voltaire utiliza o conto para divulgar, ou melhor, profanar idéias nos resta ainda a incerteza acerca da própria filosofia de Voltaire.

Luiz Roberto Salinas Fortes em seu texto *O iluminismo e os reis filósofos* se refere da seguinte forma a Voltaire:

Polemista vigoroso, crítico mordaz da religião e da Monarquia, Voltaire não é propriamente um teórico. Não deixou uma obra sistemática que se compare ao *O espírito das Leis*. Suas idéias estão espalhadas por numerosas obras e gêneros variados e ele é, principalmente, o grande agitador e propagandista do novo espírito. (FORTES, 1991)

Também John Gray no texto *Voltaire e o iluminismo* nos oferece uma visão quase tão mordaz quanto a de Voltaire, ao apresentá-lo para seus leitores:

Se a despeito de sua história, considerarmos a filosofia como busca imparcial da verdade, Voltaire não foi absolutamente filósofo. Esse *philosophe* exemplar viveu e morreu como um sectário. Nada mais distante do pensamento de Voltaire que o espírito investigador. Nem apesar de seu sarcasmo cáustico e da insopitável vivacidade de seu pessimismo, foi a visão que ele tinha da humanidade isenta de preconceitos ou cínica. Não passou a vida inteira de um propagandista da fé secular. O objetivo da ‘filosofia’ de Voltaire não era promover a pesquisa e muito menos defender o ceticismo: era fundar um novo credo. Desejava substituir a religião cristã pela crença humanista do Iluminismo. (...) Voltaire em nada contribuiu para a ética ou teoria do conhecimento. Ao contrário de Hume e mesmo de Adam Smith, não deixou herança de que pudessem se beneficiar as novas gerações de filósofos. Se teve uma ‘filosofia’, ela apresenta hoje interesse meramente histórico. (GRAY, 1999)

A ausência de uma filosofia que garanta a transparência de uma visão coerente de mundo, talvez explique os poucos trabalhos de pesquisa no Brasil sobre o pensamento de Voltaire. As referências que temos foram encontradas na tese de mestrado de Maria das Graças de Souza Nascimento e Silva, *Voltaire e o Materialismo do século XVIII*, em seu livro

Voltaire: a Razão Militante, e na tese de mestrado de Rodrigo Brandão – *Voltaire filósofo: metafísica e Filosofia Inglesa na formação filosófica de Voltaire*, defendida na Faculdade de Filosofia da USP sob orientação da mesma Prof^a. Dra. Maria da Graças de Souza.

Mas a figura polêmica de Voltaire não se coloca aqui, simplesmente, por seu gênio agitador e divulgador do Espírito das Luzes ou, ainda, pela tentativa de se delinear uma filosofia voltairiana, como o fizeram os autores mencionados; pelo contrário, coloca-se pela ausência de uma obra sistemática. Se há no Espírito Iluminista uma desconfiança dos grandes sistemas filosóficos metafísicos, Voltaire leva essa desconfiança à radicalidade. A idéia de uma razão crítica que permitiu a Kant buscar os critérios da razão autônoma, em Voltaire assume a idéia de crise. Voltaire não se coloca como ateu ou religioso, nem como idealista ou empirista, nem como filósofo ou literato. Voltaire está “entre” uma coisa e outra, embora não possamos deixar de considerá-lo um dos maiores expoentes do ideário iluminista. É comum, nos contos filosóficos de Voltaire, alguns personagens em suas aventuras e desventuras perderem um olho. No conto “*Zadig*” ou no “*Memnon*”, Voltaire parece querer nos mostrar o perigo de quem vê o problema filosófico de um único prisma. Não seria este o problema do próprio iluminismo ou mesmo da crença inabalável na filosofia?

Para tentarmos responder a esta questão faremos uma pequena viagem pelo conto “*Micrômegas*”, de Voltaire.

(...) Enfim Micrômegas disse:

—Já que sabeis tão bem o que está fora de vós, sem dúvida sabereis melhor o que está dentro de vós. Dizei-me o que é vossa alma, e de que modo formais vossas idéias?

Os filósofos falaram todos ao mesmo tempo, como antes. Mas cada um tinha uma opinião diferente. O mais velho citava Aristóteles, outro pronunciava o nome de Descartes, este o de Malebranche, o outro o de Leibniz, outro ainda o de Locke. Um velho peripatético disse alto, com toda a confiança:

—A alma é uma entelúquia e uma razão pela qual tem o poder de ser o que é. É o que declara expressamente Aristóteles, página 633 da edição do Louvre.

—Não entendo bem o grego – disse o gigante.

—Eu também não- disse a traça filosófica.

—Por que então- retomou o siriano- citais um certo Aristóteles em grego?

—É que é bom citar o que não se compreende na língua que menos se entende – replicou o sábio.

O cartesiano tomou a palavra e disse:

—A alma é espírito puro, que recebeu, no ventre da mãe, todas as idéias metafísicas, e que, ao sair de lá, é obrigada a ir à escola e aprender de novo o que sempre soube tão bem e que nunca mais saberá.

—Então não vale a pena que a alma seja tão sábia no ventre da mãe, para ficar tão ignorante quando tiver barba na cara- respondeu o animal de oito léguas. Mas o que é que entendeis por espírito?

—O que é que estais me perguntando? Não tenho a mínima idéia do que seja – disse o raciocinador.

—Dizem que o espírito não é a matéria (...)

(VOLTAIRE, 1979, p. 126).

O trecho acima aponta uma interessante forma que o autor encontra para questionar as finalidades da filosofia e dos dogmatismos filosóficos. Por outro lado, lança alguns elementos para pensarmos a filosofia e nossa concepção do filosofar como estudo analítico de sistemas e teorias sistematizadas ao longo da história. Todavia, antes de iniciarmos essa reflexão, seria pertinente oferecer uma síntese do instigante trabalho de Voltaire no conto.

O personagem Micrômegas é um extraterrestre de estatura gigantesca que chega ao minúsculo globo terrestre, vindo da estrela Sírius, em companhia de um saturniano.

Micrômegas é ser de espírito culto, não apenas por saber muitas coisas, mas também por ter inventado tantas outras. Quando saiu da infância, com cerca de 450 anos, o gigante envolveu-se em conflitos graças a uma pesquisa sobre a forma substancial das pulgas e pôs-se a viajar de planeta em planeta com o objetivo de formar o espírito e o coração. Em seu encontro com o habitante de Saturno, secretário da Academia, Micrômegas estabelece um interessante diálogo acerca dos limites do conhecimento e após trocarem informações do pouco que sabiam e do muito que não sabiam, resolveram empreender uma viagem filosófica. Como gigante que é, Micrômegas não tem apenas cinco sentidos, mas mil, enquanto seu amigo saturniano tem apenas 72 sentidos. Acidentalmente, os dois viajantes chegam à Terra, convictos que, dadas as irregularidades de construção do globo, ali não poderia existir vida inteligente. Mas o gigante depara-se com alguns homens em um navio em pleno oceano e os coloca na palma da mão. As partículas minúsculas que falam são filósofos e iniciam uma conversa com o gigante a fim de demonstrar sua pretensa

sabedoria. Todos falam ao mesmo tempo e iniciam uma disputa acirrada que provoca os risos do gigante: Afinal, como seres tão infinitamente pequenos podem alimentar orgulho e pretensão tão grandes? Com dó daqueles seres, o gigante promete entregar a seus interlocutores um livro, em letras bem miúdas, com a resposta da finalidade de todas as coisas. Os filósofos levam o livro à Academia e em abertura solene descobrem que o livro está inteiramente em branco.

Como podemos interpretar o conto de Voltaire? Ironia, sarcasmo ou até mesmo descrença na filosofia?

Podemos encontrar algumas chaves de interpretação da narrativa na própria obra de Voltaire, inserindo-a no contexto de sua produção e ação históricas. A idéia de uma razão crítica tem na história a sua arma para lutar contra a intolerância e para fazer da filosofia ação capaz de mudar a própria história. Crítico ferrenho dos grandes sistemas filosóficos, Voltaire se nega a construir o seu; antes coloca todos sob o crivo da razão. Nesse sentido, os contos de Voltaire são fascinantes. Revela-se um encontro entre conteúdo e forma, pois se os grandes sistemas filosóficos foram edificados por uma cadeia de argumentos dedutivos e indutivos, a crítica aos sistemas empresta da literatura a forma da narrativa para revelar o absurdo de um enredo que pretende se colocar para além do tempo vivido e da história. Afirma Maria das Graças Nascimento:

Os personagens dos contos de Voltaire são quase sempre viajantes. Viaja o gigante espacial Micrômegas, ‘de planeta em planeta, para acabar de formar o espírito e o coração’, até que vem dar na nossa Terra que, para ele, por causa da pequenez, parece mais um formigueiro. Viaja também o herói Cândido, em sua incrível peregrinação pelas mais diversas regiões do mundo, em busca da amada Cunegundes. Viaja por fim o ingênuo huroniano semi-selvagem, tentando compreender as loucuras dos europeus. (...) A aventura de descobrir o mundo até os confins traz à luz uma série de elementos para a reflexão. Viajar permite comparar, opor, duvidar e chegar ao sentimento de que as coisas são, no final das contas, relativas. Dessa aventura pode resultar uma visão de mundo diferente daquela que teríamos sem sair do mesmo lugar. Os personagens de Voltaire nos conduzem a um mundo de surpresas, a fatos inesperados, às vezes maravilhosos, às vezes grotescos. Que visões do mundo e das coisas ele quer revelar ao leitor? (NASCIMENTO, 1993, p. 53)

Por ora, creio que o conto de Voltaire poderia nos introduzir na reflexão que se pretende abordar neste texto, sobre as “filosofias” e suas finalidades, por meio de algumas

metáforas que poderiam se configurar como visões caricatas da problemática que envolve o sentido da filosofia.

É claro que essa empreitada nos oferece riscos. Riscos dos reducionismos próprios das caricaturas, mas para ser coerente com a proposta de ultrapassar fronteiras entre o literário e o filosófico, partirei das múltiplas leituras que nos oferece o conto de Voltaire para tentar reescrevê-lo à luz das inquietações que extrapolam o tempo e o espaço que lhe deram origem, enfim, para torná-lo presente no “agora” de nossa situação problemática. De qualquer forma, é preciso admitir que, algumas vezes, as caracterizações e definições na filosofia podem ser mais arriscadas que as caricaturas.

Diria que alguns se vêem como os filósofos do conto de Voltaire e encerram a discussão na citação de obras e autores. A filosofia seria portadora de um saber que só seria alcançado através do pleno domínio de sua linguagem. Quem a ensina, portanto, deveria introduzir o aprendiz em um universo de conceitos e argumentações construído ao longo de sua história. Considerando-se que essa não é uma tarefa que poderia ser realizada em um curso, a filosofia só poderia ser tarefa de filósofos. Caso contrário, se constituiria em “coisa que não se compreende, em língua que menos se entende”.

Outros, como o gigante do conto, tomam os pequenos nas palmas da mão e se deliciam com sua ignorância. Trata-se da posição de quem é detentor de algum tipo de saber e que, benevolentemente, se compraz com observar aqueles que pensam que sabem. Seria, portanto, preciso oferecer-lhes a promessa do saber enquanto autoridade, mesmo que sem nenhuma linha traçada. Pelo menos duas possibilidades poderiam ser extraídas desta posição:

A primeira, que geralmente nos faz retomar a atividade socrática como metáfora da própria filosofia, é a de que a finalidade do ensino de filosofia estaria em destruir as certezas, ou melhor, as falsas certezas. A ironia socrática cumpriria a missão de quem pergunta para constatar a ignorância de quem não pode responder. Essa postura, se por um lado contém o gérmen da crítica, por outro, nos remete à crença na existência de uma verdade que estaria nas mãos de poucos capazes de reconhecê-la e ler aquilo que ninguém pode ver. Sendo assim, o professor de filosofia seria o guia dos cegos até que eles pudessem enxergar.

A segunda possibilidade é entender a filosofia como exercício de puro questionamento, o lugar dos “porquês”. Ainda aqui, a finalidade da filosofia seria a de demolidora de certezas, não das certezas mais imediatas ou inconsistentes, mas de tudo que esteja estabelecido. Nesse sentido, o professor de filosofia seria aquele que sabe questionar, questiona a existência de Deus, as possíveis evidências das percepções e dos sentidos, pois acredita ser o filósofo aquele que pergunta, mas não responde. Não há nada escrito no livro, portanto nada vale, tudo pode.

Há, ainda, aqueles que abrem os livros e que, inconformados com os espaços vazios, interpretam o vazio à luz de algum sistema. Para estes, a filosofia estaria sempre pronta a arranjar o desarranjado, basta-lhe um procedimento seguro. Só não vê aquele que ainda não domina as ferramentas da visão. Apropriar-se das ferramentas adequadas para ler o livro do mundo e ensinar a utilizá-las com precisão constituiria a tarefa do filósofo. Pouco importa o conteúdo ou se há conteúdo, a filosofia seria, em seu fazer, exercício intelectual.

Mas há ainda outra maneira de ler o conto de Voltaire e essa me parece promissora para pensarmos as possibilidades da filosofia. Seria a de entender a filosofia como livro aberto, passível de múltiplas interpretações e reinterpretações que permitem fazer uma ponte entre as questões do presente e as tradições filosóficas.

Os contos filosóficos de Voltaire indicam a estrutura narrativa como pretexto para sua peculiar “investigação filosófica”. Ao invés de se manifestar numa cadeia de raciocínios, como no texto filosófico tradicional Voltaire utiliza – numa espécie de manipulação dos personagens e do enredo – o recurso da narrativa de ficção para colocar em cena sua concepção de mundo. Podemos ler os contos à luz da própria filosofia de Voltaire, o que exigiria um certo conhecimento dos problemas que o autor pretende discutir, mas também poderemos ler o texto à luz de outras tantas questões e concepções que não aquelas vinculadas ao tempo e espaço no qual a narrativa foi escrita. Este elemento poderia nos fazer pensar nas considerações que faz Benjamin sobre a arte de narrar quando retoma Heródoto: “o narrador não explica, a narrativa não se entrega ao tempo como a informação que tem que se explicar nele, por isso algumas histórias ainda depois de milênios são capazes de despertar espanto e reflexão”. Seriam histórias para pensar? Como poderíamos pensá-las?

Tratemos de mais um dos contos de Voltaire. “*Memnon ou a sabedoria humana*” é um pequeno conto escrito em 1749. Nele é possível detectar alguns elementos presentes no “*Cândido ou o Otimismo*”, sua obra mais conhecida, que aparecerá em 1759, trazendo elementos bombásticos que visavam abalar os alicerces da *Teodicéia* de Leibniz e, por tabela, de todos os sistemas metafísicos.

Façamos um pequeno passeio com o *Cândido* antes de tratarmos do *Memnom*. No *Cândido*, a idéia da harmonia pré-estabelecida, presente na concepção leibniziana do mundo, ganha no personagem Pangloss uma caricatura patética que só Voltaire poderia desenhar. Pangloss é o grande mestre do jovem Cândido e lhe ensina os segredos de uma filosofia capaz de fazer compreender que vivemos no melhor dos mundos possíveis, que tudo está arranjado segundo desígnios que não compreendemos, mas que no fundo atestam a grande sabedoria divina. A aventura de Cândido começa quando resolve dar alguns ensinamentos de filosofia a sua jovem e bela prima Cunegundes e é surpreendido pelo seu tio. Cândido é expulso do palácio do tio com o “melhor dos chutes possíveis” e diante de uma sucessão de aventuras e desgraças, começa a desconfiar da filosofia do seu amado mestre Pangloss. Até que um dia o reencontra “todo coberto de pústulas, olhos virados, a ponta do nariz carcomida, a boca torta, as gengivas negras”. A moléstia do sábio Pangloss e os estranhos acontecimentos, depois de sua expulsão do castelo, que o fizeram acreditar que sua amada Cunegundes estava morta, permitiram ao discípulo questionar o mestre:

- Ó Pangloss! – exclamou Cândido - Que estranha genealogia! Não terá sido o diabo que foi o tronco?

- Qual! – replicou o grande homem – era coisa indispensável no melhor dos mundos, um ingrediente necessário, pois, se Colombo não tivesse apanhado em uma ilha da América essa doença que envenena a fonte da geração, e que é o oposto de toda a finalidade da natureza, nós não teríamos nem chocolate nem cochonilha. (VOLTAIRE, 1979, p.161)

Cândido intercede em favor do sábio e, graças a um tratamento, Pangloss consegue sobreviver à moléstia, só perdendo “um olho e uma orelha”. Assim, o personagem de Voltaire continua sua viagem, sempre acompanhado do doutor caolho. Na viagem de Cândido, Voltaire nos apresenta uma coleção de personagens caricatas que se mostram sempre aptas a opinar sobre a arte de viver e sobre a felicidade. Embora Voltaire seja um brilhante propagandista do espírito das luzes, desconfia da racionalidade que se fecha em

sistemas. Por isso, talvez possamos recuperar a atualidade de Voltaire em sua indefinição entre o empirismo e a metafísica; talvez porque, no tecido da literatura, tenha nos indicado as contradições e os perigos da filosofia de seu tempo.

Vejamos como isso se efetua no conto “*Memnon*”:

Memnon concebeu um dia “o insensato projeto” de ser sábio. Para isso considerou que deveria estar isento de paixões, para o que seria preciso não amar mulher alguma. Tarefa fácil: bastava olhar as mulheres hoje com os olhos de quem as verá amanhã.

Em segundo lugar, seria preciso manter-se sóbrio, o que seria resolvido com um pensamento capaz de antecipar as conseqüências do excesso do bom vinho e da boa comida.

Também seria preciso ser modesto, assim se evitaria a inveja e se manteria bons amigos. Traçado o plano e as estratégias, Memnon põe a cabeça na janela do quarto e vê duas mulheres (uma jovem e uma velha) passeando. Logo percebeu que a jovem chorava, resolveu consolá-la e recebeu um convite para acompanhá-la a fim que ele pudesse auxiliá-la nos negócios: “Contou-lhe todo o mal que causava um tio que ela não tinha; com que artimanhas lhe roubara os bens que jamais possuía, e tudo o que tinha a temer de sua violência”. (VOLTAIRE, 1979, P. 102).

No calor da conversação, Memnon “dá conselhos ternos à jovem, enquanto suas pernas se descruzam”, quando chega o tio. Para não morrer, Memnon é obrigado a entregar ao tio furioso tudo o que tinha. Humilhado, resolve visitar amigos e aceita o conselho de embriagar-se e se envolver em joguinhos (passatempo honesto), e logo se vê diante de uma disputa que lhe custa um olho e uma grande dívida. Pede ao criado para conseguir dinheiro a fim de pagar os amigos e descobre que seu devedor havia fugido, envolvido em um processo de falência fraudulenta. Dirige-se à corte para pedir justiça ao rei contra o bancarroteiro e é atendido com zombarias, pois o sátrapa do rei tinha relações com o suposto criminoso. Inconformado e frustrado diante de seu projeto, volta para casa, mas não pode entrar porque a casa é tomada por oficiais de justiça que cobram sua dívida. Dorme nas palhas com febre e em seu sono recebe a visita de um anjo:

—Quem és tu? Diz-lhe Memnon.

—Teu bom gênio – responde-lhe o outro.

—Devolve-me então o meu olho, a minha saúde, o meu dinheiro e minha sabedoria – pede-lhe Memnon.

Em seguida contou-lhe como perdera tudo aquilo em um único dia (...)

—Por que não vieste na noite passada, para impedir-me de cometer tantas loucuras?

—Eu estava junto de Assan, teu irmão mais velho. Ele é mais digno de lástima que tu. Sua majestade, o rei das Índias, em cuja corte tem a honra de servir, mandou vazar-lhe os dois olhos, devido a uma pequena indiscrição, e Assan acha-se atualmente em um calabouço, com ferro nos pulsos e tornozelos.

—Mas de que adianta ter um gênio na família se, de dois irmãos, um está caolho, o outro cego, um nas palhas, o outro na prisão?

—A tua sorte mudará. É verdade que serás sempre um caolho; mas, afora isso, ainda hás de ser bastante feliz, contanto que não faças o tolo projeto de ser perfeitamente sábio.

—É então uma coisa impossível de conseguir? - exclamou Memnon suspirando.

—Tão impossível como ser perfeitamente hábil, perfeitamente forte, perfeitamente poderoso, perfeitamente feliz. Nós próprios estamos longe disso. Há um globo em tais condições: mas, nos cem milhões de mundos que estão esparsos pela imensidade, tudo se encadeia por gradações. Tem-se menos prazer e sabedoria no segundo do que no primeiro, menos no terceiro do que no segundo. E assim até o último, onde todos são completamente loucos.

—Receio muito - disse Memnon - que nosso pequeno globo terráqueo seja precisamente o hospício do universo de que me fazes a honra de falar.

—Não tanto - respondeu o espírito -, mas aproxima-se: tudo está no seu lugar.

—Ah! Bem se vê que certos poetas, filósofos, não têm razão nenhuma em dizer que tudo está bem.

—Pelo contrário, têm toda razão - retrucou o filósofo das alturas -, levando-se em conta o arranjo do universo inteiro.

—Ah! Só acreditarei nisso - replicou o pobre Memnon - quando não for mais caolho. (VOLTAIRE, 1979, pp. 104-105)

Voltaire parece nos dizer, com seus “anti-heróis”, que “em terra de cegos quem teria apenas um olho não seria rei”, mas tão somente alguém que não pode ver a complexidade dos problemas. A narrativa quase “anti-épica”, no seu conteúdo e não na forma, revela o absurdo do projeto da sabedoria presente na filosofia dos séculos XVII e XVIII. Todavia, sendo Voltaire um incansável divulgador do “espírito das luzes”, poderíamos detectar nesta postura uma terrível contradição que nos afastaria do filósofo Voltaire para nos deliciarmos com sua sarcástica forma de narrar – com seu projeto ideológico, muito mais do que político-filosófico, de lutar obstinadamente contra as intolerâncias religiosas e contra os sistemas metafísicos?

As próprias ações de Voltaire, no seu tempo, poderiam compor uma narrativa tão grotesca quanto a que encontramos em seus contos. Burguês em um período aristocrático,

Voltaire estuda em colégio de jesuítas e, mais tarde, entra na escola de Direito. Muito jovem, já demonstra seu apego à “libertinagem” e aos versos. Os versos dedicados ao infante Felipe de Orleans lhe custam sua primeira visita à Bastilha. A segunda visita de Voltaire à prisão envolve uma espécie de comoção social que acaba com sua libertação vinculada ao exílio da França. Desta vez, trata-se de uma discussão com o poderoso cavaleiro de Rohan no camarote de uma ópera. Em 1726, nosso “personagem” parte para Londres e regressa em 1728. A empolgação com a Inglaterra rende-lhe as chamadas “*Cartas Inglesas*” e, na perspectiva do trabalho de Rodrigo Brandão, ali Voltaire começa a “aprender a pensar” e inicia seu trabalho verdadeiramente filosófico, aproximando-se de Bacon, Newton, Locke e traçando suas críticas ao cartesianismo e à filosofia do século XVII.

Do ‘aprender a pensar’ alguns enfatizam o contato com o pensamento de Locke e Newton pelo interesse religioso, outros a distinta condição dos artistas na Inglaterra, (...) mas o que se deve notar é que as *Cartas Inglesas* (...) não se reduzem a nenhuma dessas perspectivas. O olhar anacrônico procura distinguir os diversos âmbitos e se perde nesse aparente amontoado de textos sobre diversos assuntos; dos *quakers* a Pascal, passando pela inoculação da varíola e pela física de Newton. Com as *Cartas Inglesas* já estamos distantes da filosofia do século anterior. A filosofia já não se limita ao tratado e à demonstração, mas caracteriza-se como uma crítica. Se os assuntos são diversos e distintos, o ataque é sempre realizado: o combate é empreendido contra a Igreja, os costumes, às condições dos artistas na França e à filosofia francesa. (BRANDÃO, 2004, p. 13)

Não conseguindo estabelecer-se na França, Voltaire busca refúgio no castelo de Cirey e, envolvido com a esposa do marquês de Châtelet, dedica-se ao estudo da filosofia de Newton e escreve “*O tratado de metafísica*” e “*Elementos da filosofia de Newton*”. A longa estadia no castelo de Cirey só é interrompida com a morte de Madame du Châtelet, causada por complicações no parto de uma criança que não seria nem filha do marquês, nem de Voltaire, mas de um escritor frequentador do castelo.

Em 1750, Voltaire aceita o convite de Frederico II da Prússia para estabelecer-se na corte. Mas o namoro com Frederico não dura muito. Em 1753, Voltaire adquire uma propriedade próxima a Genebra e logo se envolve em intrigas com os vizinhos. Em 1758, nova mudança para uma propriedade que se situa em território francês, na fronteira com a Suíça. Nos vinte anos em que permanece em Ferney, sua propriedade transforma-se em palco de debates e encenações teatrais. De lá, Voltaire se engaja em sua campanha contra a

Intolerância, como no caso “Calas” que ganha dimensões graças ao espírito combativo do “filósofo”.

Jean Calas era um comerciante protestante de Toulouse, cujo filho fora batizado na Igreja Católica para poder trabalhar como advogado. O rapaz, aparentemente acometido pela melancolia, se enforca e o pai é acusado de matá-lo. A sentença foi executada em março de 1762 com a morte de Jean Calas e Voltaire se incumbiu de anulá-la em 1765, exigindo uma indenização para a esposa. A tensão religiosa torna-se um diamante na pena de Voltaire: se Calas fora culpado, teria matado o filho por fanatismo religioso; “se fora inocente, o tribunal teria agido por motivos religiosos”². Seu *Tratado sobre a tolerância* resulta de sua luta nesse caso e em tantos outros. Aos 85 anos, Voltaire resolve retornar a Paris na “clandestinidade”, mas morre em 1778, sem a autorização de um sepultamento digno de seu “gênio combativo”. Vestido, embalsamado e morto, Voltaire daria sua última volta em Paris, zombando daqueles que o perseguiram.

As peripécias de Voltaire, seu desencantamento com os déspotas esclarecidos e com a suposta incompreensão de sua genialidade, suas viagens, sua história de perseguição, estão presentes no conto “Zadig ou o Destino – uma história oriental”. Assim como, nos lembra Benjamin acerca da tradição oriental de narrar – onde um fio fornece tecido para outro —, Voltaire nunca deixou de reescrever seu “Zadig” e, segundo consta, o último capítulo teria sido acrescentado após sua morte.

É claro que retomar o conto de Voltaire exigiria, aqui, o talento do narrador que já perdemos. Buscarei encontrar alguns elementos que nos permitam pensar a filosofia de Voltaire (em seu conteúdo e forma); primeiro, à luz das considerações de Ernest Cassirer³, depois, através de um passeio pela racionalidade de Voltaire, no interior do conto.

Ernest Cassirer busca, na primeira parte de seu livro *A filosofia do Iluminismo*, caracterizar o que constituiria a forma de pensar típica do século XVIII e as marcas que o pensamento do século anterior teriam cravado nas obras do Iluminismo francês.

Cassirer considera que embora o século XVIII não possa mais acreditar na fecundidade do sistema, não renuncia ao espírito sistemático, pelo contrário, busca lhe inculcar valor e eficácia, por meio da crença na unidade e na imutabilidade da razão. Dessa

² Cf. NASCIMENTO, 1993, p.16.

³ Cf. CASSIRER, 1992.

forma, seria possível estabelecer as diferenças fundamentais entre os procedimentos das filosofias dos séculos XVII e XVIII.

Enquanto no século XVII o “verdadeiramente filosófico” só poderia ser alcançado a partir de uma certeza suprema que se mostraria como alicerce para as deduções, o século XVIII não rivaliza com o seu antecedente; antes, renuncia a essa forma de dedução e derivação, para encontrar-se com o procedimento analítico que tem sua inspiração nos trabalhos de Newton. Não se trata mais de buscar a razão como uma regra anterior aos fenômenos, mas de demonstrar a razão nos próprios fenômenos como a forma de sua ligação interna e de seu encadeamento imanente. Sendo assim, afirma Cassirer:

A façanha de Newton consiste menos na descoberta de um fato desconhecido antes dele, na aquisição de um material inteiramente novo, do que no remanejamento intelectual operado na base do material empírico. Já não se trata mais de contemplar a estrutura do cosmo e sim, doravante, de a penetrar: ora, o cosmo só se abre a essa penetração quando submetido ao pensamento matemático e ao seu método analítico. (CASSIRER, 1992, p. 30).

O método da “composição” e da “resolução” é a base de outra forma de conceber a razão. Trata-se de uma razão que desliga o espírito das crenças baseadas na tradição e só descansa depois de um trabalho que desmonta a verdade “pré-fabricada” para remontá-la, para construir seu próprio edifício ciente dos procedimentos que o ergueram. “É mediante esse duplo movimento intelectual que a idéia de razão se concretiza plenamente: não como a idéia de ser, mas como a de fazer”. (CASSIRER, 1992, p. 33).

Contudo, segundo Cassirer, o fascínio diante do procedimento matemático é acionado por um jogo de forças opostas: “O pensamento filosófico parece querer, de um só movimento, libertar-se das matemáticas e vincular-se-lhes”. (CASSIRER, 1992, p. 35) Configura-se um novo problema: Como emancipar-se do domínio exclusivo da matemática e, por outro lado, justificá-lo? A resposta estaria no resgate do espírito da análise pura, na possibilidade de se construir um método de relação analítica e de reconstrução sintética.

O método da razão (...) consiste em partir de fatos solidamente estabelecidos pela observação, mas não em se ater, por certo, a esses simples fatos como tais: não basta que os fatos estejam ‘ao lado’ uns dos outros, é preciso que eles se encaixem ‘uns nos outros’, que a simples coexistência se revele, quando tudo foi bem apurado, como dependência, e a forma de agregado converta-se em forma de sistema. Essa forma

sistemática não pode, evidentemente, ser imposta aos fatos desde fora; é preciso, isso sim, que provenha deles próprios. (CASSIRER, 1993, p. 43)

Diante desse procedimento é fácil entender por que a filosofia de Leibniz torna-se um paradigma de racionalidade admirado e criticado no século XVIII. Sendo a unidade, a uniformidade e a identidade lógica o fim último do pensamento, seria fácil reduzir toda multiplicidade à unidade, toda a diversidade à uniformidade. Nesse sentido, a metafísica de Leibniz se diferencia da de Descartes, pois no conceito de “mônada” estaria uma unidade dinâmica. Ao invés da mera identidade, temos a continuidade, a unidade na multiplicidade. Voltaire, embora tenha utilizado Leibniz para exercer com afinco seu espírito mordaz, sabe reconhecer a significação de sua obra no espírito do iluminismo do século XVIII, pois se o homem se vê na posição de um cego que tem que julgar a natureza das cores, teria ainda uma bengala em suas mãos, a análise.

Mas se, por um lado, Voltaire encanta-se com Newton e com o método das ciências, por outro lado, não pode compartilhar do otimismo caolho daqueles novos tempos. Nesse contexto, em sua suposta falta de rigor, Voltaire pôde apontar as contradições e os perigos do Iluminismo.

Há alguns indícios desse olhar desconfiado em seu conto “Zadig ou o Destino”.

Zadig é um jovem educado que habitava a Babilônia. Justo e moderado, não pretendia ter sempre razão porque sabia respeitar as fraquezas humanas. Enamorado de uma bela jovem, com quem pretende se casar, atrai a inveja do sobrinho de um ministro e trava uma luta com o jovem ministro que pretende raptá-la. Um ferimento no olho esquerdo afasta Zadig de sua amada. Mesmo depois de curado, soube que sua pretendente o havia trocado porque tinha aversão aos caolhos. Prudentemente, nosso jovem herói troca os caprichos da jovem da corte pelo casamento com uma recatada donzela burguesa que o trai com um amigo e ainda tenta cortar-lhe o nariz, a pedido do outro. Novamente desiludido, recolhe-se para o campo. Em um passeio é interpelado por dois personagens que buscam por um cão e um cavalo fugidos do palácio. A observação atenta e a análise, nesse caso, não auxiliam o jovem Zadig; pelo contrário, conduzem-no à condenação por roubo:

—Jovem- disse-lhe o primeiro eunuco- , não viste o cão da rainha?
 —É uma cadela, e não um cão - respondeu-lhe Zadig discretamente.
 —Tens razão

—É caçadeira e por sinal muito pequena . Deu cria há pouco; manqueja da pata esquerda e tem orelhas muito compridas.

—Viste-a então? – perguntou o primeiro eunuco, esbaforido.

—Não – respondeu Zadig –, nunca a vi na minha vida, nem nunca soube se a rainha tinha uma cadela ou não.

(...) O monteiro-mor dirigiu-se a Zadig e perguntou-lhe se acaso não vira o cavalo do rei.

—É – respondeu Zadig – o cavalo de melhor galope; tem cinco pés de altura e os cascos pequenos; a cauda mede três pés e meio de comprimento; o freio é de ouro de vinte e três quilates; e as ferraduras de prata de onze denários.

—Que direção tomou ele? Onde está? – perguntou o monteiro-mor.

—Não o vi – respondeu Zadig –, nem nunca ouvir falar nele.

O monteiro-mor e o primeiro eunuco não tiveram mais dúvidas de que Zadig houvesse roubado o cavalo do rei e a cadela da rainha (...) Mal se encerrara o julgamento, foram encontrados o cavalo e a cadela; condenaram Zadig a desembolsar quatrocentas onças de ouro, por haver dito que não vira o que tinha visto, (...) depois lhe concederam a licença de se defender perante o conselho:

(...) —Eis o que me aconteceu. Passeava eu pelas cercanias do bosque onde vim encontrar o venerável eunuco e o ilustríssimo monteiro-mor, quando vi na areia as pegadas de um animal. Descobri facilmente que eram pequenas, de um cão pequeno. Sulcos leves e longos, impressos nos montículos de areia, por entre os traços das patas, revelaram-me que se tratava de uma cadela cujas tetas estavam pendentes e que, portanto, não fazia muito que dera cria. Outras marcas em sentido diferente, que sempre se mostravam no solo ao lado das patas dianteiras denotavam que o animal tinha orelhas compridas; e, como notei que o chão era sempre menos almogado por uma das patas do que pelas outras, compreendi que a cadela de nossa augusta rainha manquejava um pouco, se assim posso me exprimir. Quanto ao cavalo do rei dos reis, seja-nos cientificado que, passeando eu pelos caminhos do referido bosque, divisei marcas de ferraduras que se achavam todas a igual distância. ‘Eis aqui’, considerei, ‘um cavalo que tem galope perfeito’ (...). (VOLTAIRE, 1979, P. 23)

Apesar de novamente multado por se calar diante da fuga de um prisioneiro do Estado – havia feito um juramento a si mesmo de nada dizer do que testemunhara, considerando que às vezes é perigoso ser sábio –, a sabedoria de Zadig atrai a benevolência do rei, que o faz ministro, a inveja de outros e um interesse peculiar da rainha, o que culmina com sua fuga da Babilônia e o exílio; em suma, volta a atestar sua desconfiança na razão.

No caminho de Zadig, assim como no de Memnon, Voltaire faz surgir novamente um anjo – o anjo Jesrad que surge da figura de um eremita de atitudes estranhas. Intrigado com as atitudes do eremita, que personifica a imagem do destino cego e ciente das relações entre umas coisas e outras, Zadig pergunta:

—E se só houvesse bem, e nenhum mal?

—Então – replicou Jesrad – este mundo seria outro; o encadeamento dos fatos obedeceria a uma ordem de sabedoria; essa outra ordem, que seria perfeita, só pode existir na morada do Ser Supremo, de quem o mal não pode aproximar-se. Criou ele milhões de mundos, nenhum dos quais se pode assemelhar ao outro. Essa imensa variedade é um atributo de seu poder imenso. Não há duas folhas de árvores na terra, nem dois globos nos campos infinitos do céu, que sejam semelhantes; e tudo o que vês sobre o pequeno átomo em que nasceste devia estar no seu lugar e no seu tempo fixo, conforme as ordens imutáveis daquele que tudo abrange (...)

—Mas... – disse Zadig.

E, enquanto dizia, ‘mas’, já o anjo alçava vôo para a décima esfera. (VOLTAIRE, 1979, p. 67)

É fácil notar que o entusiasmo de Voltaire pelo empirismo, pela física de Newton, enfim, pelo método que empresta das ciências seus instrumentos, não se sustenta quando está em questão a contingência da vida.

Assim como na imagem enigmática do anjo do quadro de Klee, que Benjamin retoma para apontar com pessimismo o mundo de ruínas e nos lançar ao futuro, os anjos de Voltaire não podem oferecer a ajuda que os homens necessitam para compreender, se não o universo, ao menos sua existência.

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seu olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em uma das suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Esta tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira de costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. (BENJAMIN, 1985, p. 226).

Com as imagens dos anjos de Voltaire e de Benjamin, encerramos nosso caminho com poucas certezas e muitas dúvidas. Nosso convite e nossa viagem pela racionalidade “não pode acordar os mortos e juntar os fragmentos”, mas pode nos fazer pensar nas pretensões da filosofia em um período em que é preciso anunciar o olhar caolho. Pode também conter um germen para que pensemos em desvios. Nesse sentido, esperamos cumprir nossa tarefa de abrir espaço para as aproximações entre a literatura e a filosofia,

retomando a pergunta que deixamos em aberto quando ousamos pensar no sentido da filosofia mediante o *Micrômegas* de Voltaire. Seria a filosofia e a batalha de Voltaire impotentes mediante a análise das atrocidades oriundas da pretensão iluminista. Talvez ela ainda se coloque como livro a ser escrito, como nos sugere Paulo Sérgio Rouanet em artigo publicado na Folha de São Paulo em 1994.

Pergunta-nos Rouanet: “Em que sentido podemos dizer que a batalha de Voltaire pelos direitos humanos continua atual?”

Ela é atual, no Brasil e no mundo, porque está inacabada. É atual porque apesar de progressos importantíssimos, muitas das aberrações que Voltaire combateu renasceram e se agravaram. É o que podemos verificar em cada um dos direitos pelos quais Voltaire se bateu.

É o caso do direito à razão, o valor mais alto da ilustração e o mais decisivo para Voltaire, porque é a condição da possibilidade de todos os outros. O pensamento ainda está restrito às restrições políticas em grande parte da humanidade. Nos países em que elas não existem ‘a servidão voluntária’, induzida pelo conformismo e pela propaganda, impede as pessoas de pensarem por si mesmas. Os fundamentalismos religiosos pululam em toda a parte (...)

No Brasil, vivemos durante duas décadas sob a ditadura militar que proibia livros como na França de Voltaire. Com a redemocratização, os exemplos de intolerância se tornaram raros, mas embora o direito à razão não seja cerceado, não se pode dizer que ele esteja entre os mais populares no Brasil. Ao contrário, o irracionalismo se difunde e hoje quase podemos ouvir a reivindicação oposta, o direito ao delírio. Um mago publica “best sellers”, antigos guerrilheiros consultam astrólogos (...). (ROUANET, 1984)

Por fim, terminamos nosso passeio pela racionalidade através dos contos de Voltaire sem certezas, mesmo porque o ato de educar pode adquirir diversos significados: formar, sociabilizar, ensinar, clarear, modelar, conscientizar, integrar. São tantas as implicações dessa ação, ao mesmo tempo simples e complexa, que constantemente nos perguntamos pelo seu sentido, como se não fosse mais possível reconhecer o traçado no entrecruzamento das linhas, como em um bordado. Do universo caótico do avesso vão, aos poucos, se configurando as formas no lado direito. A linha que fura o tecido busca o caminho como quem procura um objetivo que só pode se revelar gradualmente num processo criativo. Exatamente por isso que educar é também criar. Ação que exige cuidado, intencionalidade, mas que, sobretudo, transcende a si mesma desvelando a riqueza múltipla do humano.

Mas o que é o humano? Voltaire, em seu *Tratado de Metafísica* tenta responder a essa dúvida supondo ser um habitante de Marte ou Júpiter que descendo na terra busca pelo homem:

Descendo a esse montículo de lama e não tendo maiores noções sobre o homem, desembarco no oceano, no país da Cafraria, e começo a procurar *um homem*. Vejo macacos, elefantes e negros. Todos parecem ter o lampejo de uma razão imperfeita. Uns e outros possuem uma linguagem que não compreendo e todas as suas ações parecem se relacionar com certo fim. Se julgasse as coisas pelo primeiro efeito que me causam, inclinar-me-ia a crer, inicialmente, que de todos esses seres o elefante é o animal racional. Contudo, para não decidir levemente tomo os filhotes dessas várias bestas. Examino um filhote de negro de seis meses, um elefantinho, um macaquinho, um leãozinho, um cachorrinho. Vejo, sem poder duvidar, que esses jovens animais possuem mais força, mais destreza, mais idéias, mais paixões, mais memória que o negrinho e que exprimem muito mais sensivelmente todos os seus desejos que ele. Entretanto, ao cabo de um certo tempo, o negrinho possui tantas idéias quanto todos eles. Chego mesmo a perceber que os animais negros possuem entre si uma linguagem mais bem articulada e variada que os outros animais. Tive tempo de aprender tal linguagem e, enfim, de tanto observar o pequeno grau de superioridade que a longo prazo apresentam em relação aos macacos e aos elefantes, arrisco-me a julgar que efetivamente ali está *o homem*. E forneço a mim mesmo esta definição: o homem é um animal preto que possui lã sobre a cabeça, caminha sobre duas patas, é quase tão destro quanto um símio, é menos forte que os outros animais de seu tamanho, provido de um pouco mais de idéias do que eles e dotado de maior facilidade de expressão (...). Após ter passado certo tempo entre essa espécie, desloco-me rumo às regiões marítimas das Índias Orientais. Surpreendo-me com que vejo: os elefantes, os leões, os macacos e os papagaios não são exatamente como na Cafraria; mas o homem, esse parece-me absolutamente diferente. Agora são homens de um belo tom amarelo, não possuem lã, mas têm a cabeça coberta por grandes crinas negras. Parecem ter sobre as coisas idéias contrárias às dos negros. Sou, portanto, obrigado a mudar minha definição (...). (VOLTAIRE, 1971, p. 68)

Em busca de uma definição do homem, o filósofo nos presenteia com a impossibilidade da definição de um modelo único do humano. Nossa diversidade é fruto de nossa imersão no universo de representações que criamos socialmente - o da cultura e da linguagem. Nas interações com o mundo é que aprendemos o significado dos saberes constituídos: da energia atômica ao som do atrito de cordas de um violino, da faca que corta às tintas que pintam o corpo, das palavras que falam às que calam os sentimentos. Talvez por isso da filosofia à literatura e da literatura à filosofia possamos encontrar atalhos. Mesmo porque ...

Nenhuma idéia nos assegura a salvação, nenhuma idéia é portadora de uma verdade que salve, nenhuma idéia nos dispensa de sermos nós próprios a criarmos o nosso modelo e itinerário de salvação. E ainda: nenhuma idéia é suficientemente forte para fundamentar uma prática, para funcionar como ciência rigorosa da práxis. Sem astros que nos guiem, sem uma ciência da

navegação que apenas seja preciso aplicar, avançamos agora num mar de surpresas e incertezas. (...) Contudo, o panorama das idéias contemporâneas é feito de múltiplos acontecimentos interessantes. Se não procuramos idéias que salvem ou fundamentem, mas sim a proliferação de teses, conceitos, redes, deslocamentos, sobreposições, derivas e invenções, deparamo-nos com uma paisagem desconhecida que é preciso configurar e decifrar. (COELHO, 1991, p. 04)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, Rodrigo. **Voltaire filosófico** – Metafísica e Filosofia Inglesa na formação filosófica de Voltaire. Dissertação (Mestrado em Filosofia) Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Filosofia, São Paulo, 2004.

CASSIRER, E. **A filosofia do Iluminismo**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: UNICAMP, 1992.

COELHO, E. P. Para comer a sopa até o fim. **Jornal do Brasil**, 3 mar, 1991. Idéias/Ensaio.

GRAY, J. **Voltaire e o iluminismo**. Trad. Gilson C. Cardoso de Souza. São Paulo: UNESP, 1999.

FORTES, Luiz R. S. **O iluminismo e os reis filósofos**. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Col. Tudo é História), p.40.

FOUCAULT, M. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 11. (Col. Ditos e Escritos III)

NASCIMENTO, Maria das Graças Souza. **Voltaire e o materialismo do século XVIII**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Filosofia, São Paulo, 1983.

NASCIMENTO, Maria das Graças Souza. **Voltaire: a razão militante**. São Paulo: Moderna, 993 (Coleção Logos).

ROUANET, P. S. **As razões do Iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

VOLTAIRE (Arouet, F. M.) **Contos**. Trad. Mário Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

VOLTAIRE (Arouet, F. M.) **Tratado de Metafísica**. São Paulo: Abril Cultural, 1971.